

Museus, culturas, antropologias

* Luiz Fernando Dias Duarte

Os sentidos do mundo que a antropologia explora se concentraram de início fortemente nos museus públicos que a cultura ocidental inventou a partir de finais do século 18. Inicialmente, museus de 'história natural' ou de arte; logo seguidos dos museus de etnologia e folclore - incluindo os dedicados às culturas clássicas do Mediterrâneo e redondezas.

Eram instituições fundamentais para a autorreflexão ocidental, acumulando e organizando os materiais abundantes e variados que a intensificação da atividade científica e exploratória fazia acorrer para as instituições europeias; mas também recolhendo e interpretando os materiais, igualmente abundantes, de que a história do próprio Ocidente entulhava os sótãos, os depósitos, as galerias.

O novo sentido da história, linear e acumulativa, que se impusera em nossa cultura a partir do Renascimento, fora propulsionado intensamente pelo culto iluminista do progresso, associado a uma intensa preocupação com o estatuto da humanidade, com suas origens, seu desenvolvimento, sua tradição.

O movimento romântico amarrou cuidadosamente os fios da atenção ao passado, reforçando as iniciativas que redundariam na arqueologia, na linguística, na antropologia, na história e nos estudos de folclore.

Paralelamente, a intensificação da pesquisa naturalística, com a descrição - no começo do século 19 - do 'tempo profundo' da história do universo, da terra e da vida, levava à necessidade de crescente sistematização dos materiais que viriam a ser chamados de botânicos, zoológicos, geológicos e paleontológicos. Estava iniciada a era de ouro dos museus!

A partilha

O Brasil atendeu rapidamente - embora com seus meios precários - ao movimento europeu, fundando em 1818 o Museu Real (atual Museu Nacional), onde se acumularam obras de arte, objetos naturais e etnológicos, máquinas da nascente indústria... enfim, os sinais da complexa relação entre 'natureza' e 'civilização' que caracteriza o Ocidente tão fundamente.

A antropologia desengatou-se lentamente desse estranho amálgama. Ao final do século 19, tornou-se mais óbvio que os materiais relativos à 'cultura' ganhassem autonomia em relação à 'natureza', confirmando a partilha que se estabelecera entre as ciências naturais e as 'humanas'.

No Brasil, o marco foi a realização, em 1882, no Museu Nacional, da primeira Exposição Antropológica, dedicada às culturas indígenas de seu território, sob intenso interesse das elites e do Imperador. Logo os museus Paulista e Emílio Goeldi (em Belém, do Pará) se juntariam à instituição carioca para a coleta e interpretação dos materiais antropológicos brasileiros.

A intensificação do pensamento antropológico ao longo do século 20 foi tornando a disciplina ao mesmo tempo mais abstrata e reflexiva e mais dependente da experiência direta e controlada da pesquisa de campo do que dos objetos da 'cultura material', fragmentados e classificados nos depósitos e galerias dos museus.

Sua mera existência carrega, porém, uma intensa força simbólica, a que continuamos sensíveis, dispostos a venerar nessas preciosas relíquias o testemunho físico dos mundos de sentido de que emergiram.

Em muitos casos, constituem relicários da identidade cultural ali envolvida, quer se trate da identidade

nacional, quer de alguma outra identidade étnica ou tribal – ou mesmo da identidade da ‘cultura ocidental’, com sua peculiar atenção à diferença, à história e a alguma ordem universal.

Identidade e memória

Na recente **28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, ocorrida em São Paulo, realizou-se – em iniciativa conjunta da Associação Brasileira de Antropologia e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/Ministério da Cultura) – o seminário ‘A antropologia vai aos museus; os museus vão à antropologia’.

Tratou-se aí da questão do ensino ampliado e da divulgação científica, do uso museológico dos recursos midiáticos e digitais, da relação entre o olhar do museu e o dos meios fotográficos e cinematográficos, dos direitos culturais das populações nativas ou tradicionais e do estatuto da ação e da performance no ambiente relativamente estático dos museus.

Na mesa de que participei – narrando as desventuras do Museu Nacional, abandonado como está pelo governo federal –, foi muito tratado o tema dos museus locais de identidade e memória, cujo número vem crescendo exponencialmente em toda parte.

Ao lado das instituições tradicionais, de disposição mais universalista, como os museus ‘nacionais’ e os de ciência, proliferam atualmente importantes iniciativas de valorização e legitimação dos modos de vida, das culturas, de segmentos dominados ou desfavorecidos das sociedades modernas.

Quer se trate de culturas indígenas, de comunidades periféricas urbanas, de enclaves rurais ou de atividades artesanais ou alternativas, a disposição em registrar, objetivar, sistematizar testemunhos físicos, estáveis, dessas experiências identitárias parece tornar-se um recurso importante para a autoestima e para as lutas políticas de todos esses atores da cena pública moderna. Um bom exemplo é o do **Museu da Maré** (RJ), que se apresentou naquele seminário.

Essa é uma das muitas características dinâmicas que atravessam, atualmente, a relação entre museus, culturas e antropologias. A mesma tensão entre instituição e vida social se apresenta no desafio de tornar os museus mais ágeis e eficientes na comunicação com os saberes que representam e com as populações que desejam influenciar.

Num momento em que a própria objetivação excessiva do conceito de ‘cultura’ é motivo de crítica no pensamento antropológico, a luta por representação e expressão ‘cultural’ dos grupos minoritários cresce na agenda circundante, impondo intensa reflexão e cuidadosa participação dos antropólogos na assessoria a tais iniciativas.

Grandes desafios para nossa museologia, amparada pelo ativo Ibram, mas sempre oscilando, como nossas classes populares, na linha intermediária entre a dura miséria e alguma digna pobreza.

* **Luiz Fernando Dias Duarte** - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fonte: Ciência Hoje